

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Taís Costa Monteiro Freitas.

Entrevistada: Luana Santos da Cruz

São Paulo, 09 de julho de 2021

Duração: 11 minutos e 15 segundos

"Eu leciono na EJA"

Luana: Meu nome é Luana Santos da Cruz, tenho 22 anos, sou formada em pedagogia, e atualmente estou fazendo neurociência aplicada à educação. *Ahn...* quando me fizeram esse convite pra falar um pouquinho sobre a educação de jovens e adultos, a EJA, eu me senti muito privilegiada, porque parando pra pensar um pouquinho, pra falar sobre isso, eu vejo que constantemente eu me deparo com realidades muito diferentes, em primeiro lugar, que são dois ambientes que são constituídos de vivências tão distintas, mas que ao mesmo tempo me completam, por conhecer os dois lados, da nossa sociedade *né.. ahn...* todo mundo que me conhece também sabe que eu tenho 3 grandes paixões, que são as crianças, os idosos os animais, e estar nesses dois ambientes, nessas duas escolas, me proporciona cons-constante contato com as crianças e com os idosos, e assim eu me sinto realizada. E, em segundo lugar porque, dentro, só da EJA, da escola que eu dou aula pra educação de jovens e adultos, eu encontro diversas situações que são muito diferentes e complexas do meu dia a dia, da minha realidade, e... que abordam... questões que eu nunca imaginei que eu pudesse vivenciar, então são muito ricas e que eu posso melhorar como pessoa. Estar nesse convívio com esses dois grupos, é nítido a desigualdade social que as pessoas que frequentam a EJA estão inseridas, vocês vão ver um pouquinho mais sobre isso, vou contar um pouquinho mais *pra* vocês. Assim como repetidas vezes eu ouço frases como... “professora, ontem me desculpa eu não vim à aula porque eu só tinha dinheiro *pra* um ônibus, se eu viesse pra escola, eu não poderia trabalhar...” ou então, “se eu viesse pra escola, eu não teria dinheiro pra voltar pra casa, eu teria que voltar andando, e demora umas duas horas até minha casa”. E eu não sei mensurar *pra* vocês o quanto meu coração fica doído, fica dolorido quando eu ouço esses relatos. Lá na EJA, que eu trabalhava e que eu pretendo voltar a trabalhar quando acabar a pandemia, é... no Instituto de Educação José de Paiva Netto, eles acreditam que em primeiro lugar é preciso alimentar o corpo para depois conseguir alimentar a alma com os estudos e por isso eles ofereciam todo dia antes da aula, um lanche. E... nenhum dos meus alunos deixavam de se alimentar desse lanche, eu acredito que muitas vezes podia ser o... a única refeição que eles tiveram no dia, ou que então... era o que podia... eles podiam levar para a casa pra utilizarem como janta pros familiares, e eu também adorava aquele lanche, era um lanche muito gostoso, mas muitas vezes eu mesma deixava de me alimentar, naquele momento sem problemas porque eu tinha uma comida quando eu chegasse em casa e alguns deles não tinham essa oportunidade. É... eu sei como que era, tinha noção de como que era na casa deles, eles me contavam constantemente. Bom... aprofundando um pouco mais

sobre o porquê alguns deles chegaram até lá, eu tenho alguns casos que me são inesquecíveis, que muitas vezes, eu deito *pra* dormir e fico pensando sobre isso. E... no início eu confesso pra vocês que foi difícil construir um laço afetivo com muitos deles, porque eles chegavam fechados, eles não sentiam segurança ou eles demonstravam vergonha por estar naquela situação, com aquela idade, eles falavam, “ah.. professora, eu tenho muita vergonha de estar estudando com essa idade”. Enfim... o que eu sempre coloquei na cabeça deles é que eles não são os maiores culpados por estarem sem oportunidade na idade adequada. E... eu tinha uma aluna que inclusive eu tenho contato com muitos deles até hoje. E... essa aluna em especial ela voltou a estudar na escola com 52 anos, na EJA . Porque ela me contava que quando ela era pequena, o pai dela não aceitava que as filhas meninas aprendessem a ler e a escrever, *pra* elas não escreverem cartinhas para os meninos. Então ela me contava que era muito difícil para ela, todos os dias os irmãos indo estudar, indo *pra* escola, e ela e as irmãs serem obrigadas a trabalhar em casa com a mãe. Outro aluno também, ele-esse sabia ler, mas não sabia escrever, a fase dele de escrita era... correspondia... a fase silábica sem valor sonoro. O que é essa fase né? É uma fase em que.. a pessoa, no caso ele, é... ele sabia que a escrita era uma representação da fala, sabia que as palavras eram separadas por sílabas, ele não sabia que o nome era sílaba, mas ele não sabia que cada sílaba podia ter mais de uma letra. Então ele escrevia, por exemplo, a letra A *pra*... *pra* “mar”, ele não sabia que tinha o M e o R, então essa era a fase em que ele se encontrava. E ele só soube, ele achava que ele sabia escrever desse jeito, ele só soube que ele não sabia efetivamente escrever quando ele foi se inscrever para um curso de uma faculdade. E aí a realidade bateu nele. Uma outra aluna que me marcou bastante também, não só pela história de vida dela, porque... mas também porque ela era uma aluna difícil, ela era rebelde em seus plenos 57 anos de vida. Ela aprendeu... a ir *pra* escola, aprendeu a gostar né... ter essa vontade de ir pra escola porque ela queria muito aprender a ler a bíblia, não só aprender a ler né, mas compreender, interpretar o que *tava* escrito na bíblia, não só aprender a ler né, mas compreender, interpretar o que estava escrito na bíblia. Isso foi uma coisa que me marcou muito. Inclusive muitas vezes a gente levava algumas passagens da bíblia *pra* ler e interpretar com ela e aí ela foi se interessando cada vez mais. Mas enfim... eu tinha um outro aluno também... que era pizzaiolo, ele era até muito famoso no bairro da escola e que ele já levou algumas vezes um álbum de fotografias que ele estava com alguns famosos, que comiam e se deliciavam com a pizza dele, que realmente era muito boa, eu já experimentei... mas ele não crescia no restaurante como funcionário porque ele não sabia ler e escrever. E acabava que alguns clientes enrolavam ele. Enfim...também tinha uma senhora de 89 anos, uma fofa, que era fanática, uma fã fanática do flamengo, e ela só ia *pra* escola vestida com o uniforme do flamengo, quando tinha jogo ela nem aparecia. Era uma fofa. Enfim, muitos alunos também eram funcionários da escola, tinham cozinheiras, é... moças da limpeza, arrumação, em sua grande maioria eles eram idosos ou até mesmo adultos acima dos 50 anos. Mas eu tinha um único aluno de 15 anos. Que ele fazia o ensino médio em uma escola pública, em uma outra escola,

mas ele não era alfabetizado. Então também era uma grande, assim, realidade batendo, tipo... como uma criança... um adolescente, que está com 15 anos numa escola ainda não é alfabetizado, como que ele conseguiu chegar até o ensino médio não sendo alfabetizado. Isso foi uma realidade assim *pra* mim chocante também. Enfim... Falando sobre a Rose agora, aluna que vocês conheceram um pouco mais... ela é muito querida, mas ela chegou lá na escola com uma bagagem emocional muito forte, ela se estressava facilmente, ela queria desistir dos estudos... toda vez que lá não entendia um novo conteúdo ela se abalava. E... ela trazia muitas situações de fora assim, da escola, que ela acabava não se concentrando na aula. Então aos poucos ela foi percebendo o quanto o estudo é um fator importante, e o quanto agregava na vida dela. Ela se permitiu aprender sem pressa e sem medo. E aos poucos ela aprendeu a escrever o nome das filhas, o endereço da casa dela, uma receita de comida para a vizinha que ela tanto gostava, e também a somar as compras no mercado. Percebendo o quanto a escola poderia agregar no seu cotidiano. Bom... eu acho.. que um grande desafio de ser professora da EJA e fazer com que eles não desistam, não se desestimulem, e por isso, ao perceber as necessidades de cada um, eu, como professora, fui criando várias atividades assim direcionadas ao aprendizado deles. E sabendo que é preciso trazer o ensino para a realidade do aluno, para que não se torne algo, é... inválido, indiferente, mas sim um aprendizado concreto, eu trouxe alguns currículos, ensinei eles a preencherem os, fichas de candidatos para eles se candidatarem em algumas vagas. Fizemos feiras de profissões para eles conhecerem novas profissões, falarem o que eles gostariam de ser, quando eles gostariam de ser, o que eles fariam pra chegar a isso, aprenderam a escrever receitas de comidas que eles tinham vontade de comer ou de aprender a fazer, *ahn*... utilizei muito de palavras estáveis, como os professores falam né, por exemplo, eu tenho um aluno que era marceneiro, ele usava muito martelo, então a gente pegou a palavra a “martelo” e foi destrinchando pra ele aprender novas palavras, então de martelo ele aprendeu a escrever “mar, Marcelo, Amar”, e assim a gente ia pegando palavras que faziam parte do cotidiano dele... deles, e ia desmembrando e criando novas palavras. Também usamos contas que eles normalmente usam né, no dia a dia, e aprenderam com o sistema monetário, a... a... usar esse dinheiro como troca, como devolver, como usar, como somar, enfim... no dia a dia, e... conhecendo um pouquinho sobre a importância de aliar o ciclo escolar com a família e o trabalho deles... a escola que eu trabalho na EJA, sempre me deu total apoio necessário para que os alunos progredissem em todas as áreas da vida, sendo ela pessoal ou profissional. A escola em si, que é o Instituto de Educação José de Paiva Netto da LBV, que eu tanto gosto e tanto me orgulho, me auxilia em todo processo de ensino. Sabendo que o lema da escola é “Aqui se estuda. Formam-se Cérebro e Coração” era nítida a transformação dos alunos quando eles adentravam a escola e quando saíam com os estudos concluídos. Mas no final quem mais aprendia mesmo era eu, e fico muito feliz por isso.